

# Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

05 a 18 de Novembro de 2019 | Nº 193 | Ano VIII • Director: José Luís Mendonça

..... Kz 50,00

## LETRAS

Pág.  
5-6

A tradução literária que ainda (não) se faz



## ECO DE ANGOLA

Pág.  
3-4

ONDJANGO  
Filosofia Social e Política Africana



## DIÁLOGO INTECULTURAL

Pág.  
10-11



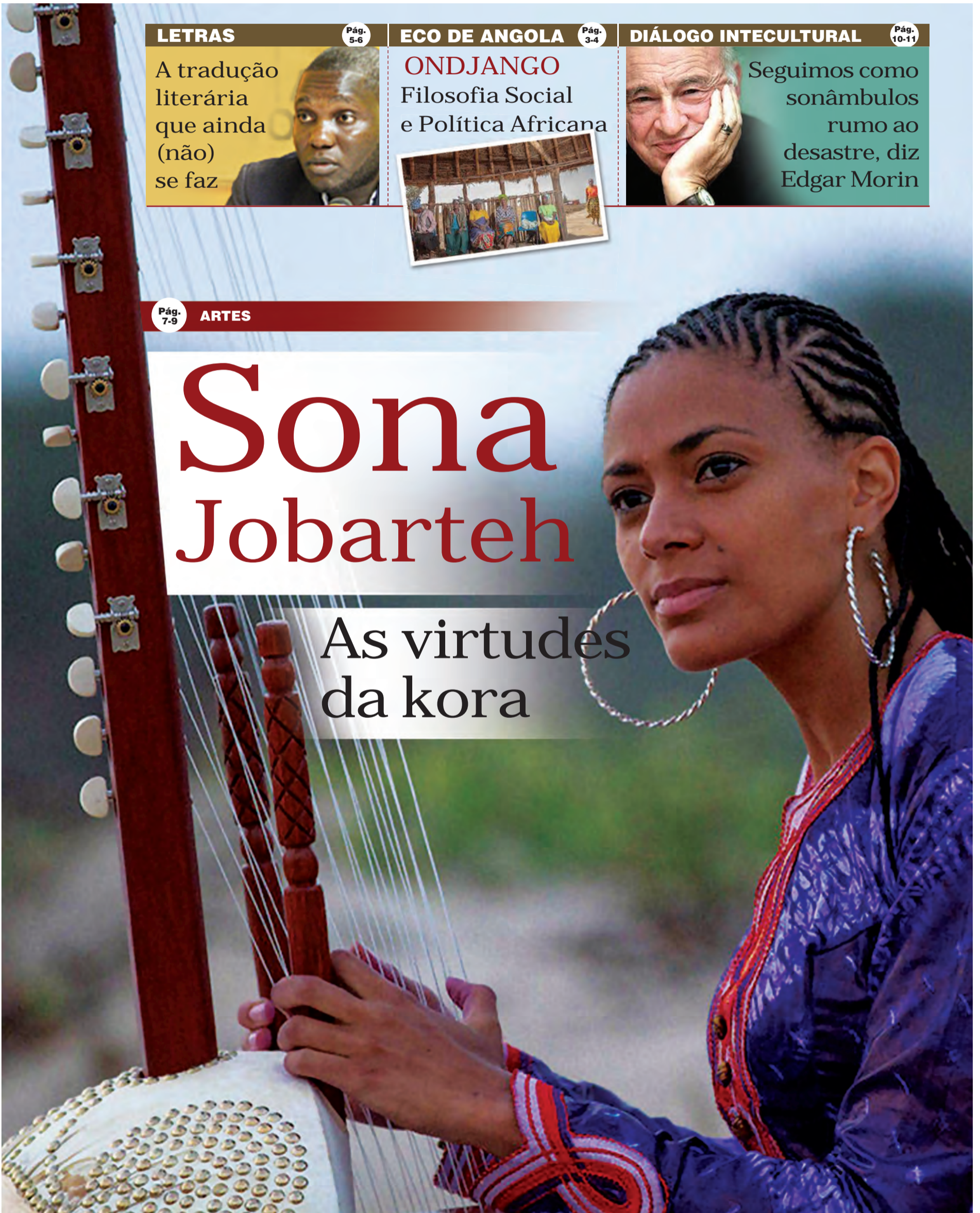
Seguimos como sonâmbulos rumo ao desastre, diz Edgar Morin

Pág.  
7-9

## ARTES

# Sona Jobarteh

As virtudes da kora





## ONDJANGO

# Filosofia Social e Política Africana



ARMINDA  
FERNANDO  
FILIPE

### INTRODUÇÃO

O Ondjango é uma hipótese de trabalho como exemplo de uma realidade social e especificidade cultural africana, esquecida, que ajuda a encontrar e compreender alguns pressupostos para a construção do pensamento africano contemporâneo. Os confrontos interculturais entre a ciência moderna e os processos de conhecimento multicultural em África permitiram o eclodir do pensamento e do saber codificado na África bantu, nas décadas de 50 a 70. Julgamos que, apesar dos limites do espaço que o Ondjango apresenta, encontramos nele referências que comportam possibilidades sociais e culturais que podem ser equacionadas no âmbito das políticas sociais face à realidade do espaço público africano contemporâneo (cf. Filipe, 2018:9).

### DO ONDJANGO À FILOSOFIA

#### SOCIAL E POLÍTICA AFRICANA

Urge questionarmos o que é o Ondjango? O Ondjango é um dos espaços públicos africanos, é um *modus vivendi*, *essendi et pensandi* dos africanos. Nesta obra, este espaço tradicional é tomado como uma hipótese de reflexão para a identificação e compreensão de alguns pressupostos necessários à construção do(s) espaço(s) públicos africanos contemporâneos. É uma obra que emergiu da necessidade de redescobrir o caminho da filosofia social e política africana, a partir da realidade antropológica do Ondjango.

A obra espelha a problemática dos espaços Ondjango e evidencia o contributo para a construção da filosofia social e política africana, e desvela a democracia presente nesse espaço tradicional (cf. Filipe, 2018:37). A obra, portanto, sublinha o propósito do Ondjango evoluir e ser requalificado para ser considerado um espaço de conhecimento e construção de sentido em África. Ou seja, revalidar na cultura tradicional, pressupostos para a compreensão das especificidades do pensamento africano e para a construção do espaço público africano contemporâneo. A obra não pretende apresentar o Ondjango como modelo para solução de alguns problemas africanos, mas sim como fonte de problematização das referências que comportam possibilidades sociais e

culturais que podem ser equacionadas no âmbito das políticas sociais face à realidade do espaço público africano contemporâneo. Referimos a este propósito José Castiano (2010:200):

A filosofia política busca uma liberdade, onde a liberdade do Eu-africano torna-se um valor intrínseco à sua própria existência como sujeito (...) Ou seja, a liberdade do sujeito africano de falar por si, de construir o seu próprio discurso sobre a sua condição de existência (...) Trata-se da liberdade de ter o direito de ser sujeito da sua história e do pensamento sobre si mesmo.

E, assim, de acordo também com Severino Ngoenha (1993:159): «Para a filosofia política africana significa que as políticas a adoptar devem garantir aos povos a possibilidade real de escolher os próprios ideais, os próprios fins, ou seja, apropriar-se do próprio destino e de assumir e guiar a própria história».

Ao reflectir sobre os aspectos mais relevantes dessa antropologia cultural tradicional que desvela o modo de pensar de alguns povos africanos, a obra evidencia que o Ondjango tradicional constitua o espaço do qual dimanam as regras que orientam as comunidades de alguns povos bantu, por ser concebido como espaço público tradicional da comunidade, onde acontece o encontro e a escuta da pala-

vra. Pois, nesse sentido é considerado espaço da comunicação (cf. Filipe, 2018: 21-23). No Ondjango, a palavra tem grande valor dinâmico e vital.

A obra reflecte sobre os diversos espaços Ondjango como fundamento, onde pode ocorrer a partilha, a criação, o confronto entre a existência humana e o cosmos. Evidencia o novo sentido que descobrimos do espaço Ondjango que, para além de ser concebido como casa do encontro, compreende também as várias dimensões antropológica, social, cultural e política da filosofia africana (cf. *ibidem*: 37-58). O Ondjango pode constituir-se, como conceito e problemática; como uma das expressões do conhecimento e construção de sentido da filosofia africana. Porque o consideramos uma das possibilidades de experiência sobre políticas de participação e de cidadania na construção dos diferentes espaços contemporâneos africanos.

O Ondjango pode concorrer, hoje, para a reflexão e (re-)conceitualização do conceito de espaço público africano contemporâneo. Também pode ser reequacionado à luz dos desafios que são colocados hoje às sociedades africanas. Quer dizer, se temo-lo como um modelo, não é, contudo, um modelo estático.

É uma obra que reflecte sobre os mitos e as artes. Pois que, a filosofia do Ondjango comporta conhecimentos e práticas com base na oralidade e nos mitos, nos ritos e nos símbolos. No espaço Ondjango, o mito além de referir-se sobre a força da resistência, sublinha as dimensões educacional, pedagógica, dialógica e ética (cf. *ibidem*: 59-92).

Estas dimensões podem ser constatadas no mito narrado por Boaventura Cardoso (1987:19-21): «Disfarçada no meio do capim ainda Mãe Fina rodeada de homens mascarados tocando batuques, fazendo algazarra (...). Mãe Fina começou, então, a dançar ao ritmo dos batuques (...). Acabou a dança. Tudo tinha desaparecido: misteriosamente (...). Vinha transfigurada, envelhecida». É nessa articulação entre as manifestações artísticas, enquanto formas de discursos, de expressão e de linguagem do pensamento humano, de expressão de vida, criação e construção, que o ondjango respeita à filosofia africana.

Isto é evidenciado nas noções fundamentais do espaço Ondjango porque estão radicados direitos e deveres iguais para todos e evidenciam a abertura do espaço Ondjango para a sua articulação com os espaços públicos africanos. E, através da prática dessas noções, pode contribuir também para que a África seja transformada num lugar mais humano, num lugar de hospitalidade. É evidente, com a noção de centralidade, que o homem se revele como indivíduo em comunidade e não um ser isolado. Ao passo que a noção de circularidade valoriza o indivíduo como centro para o qual convergem as políticas sociais do Ondjango. Solidariedade é uma noção que incide sobre as seguintes questões: partilha, fraternidade, direitos e deveres do indiví-

duo na comunidade. Uma outra noção que a obra destaca é a de reciprocidade. Com esta se evidencia uma relação dialógica e sublinha-se a importância do acolhimento recíproco que existe entre membros da comunidade do Ondjango e membros de outras comunidades, dando relevância ao outro diferente de mim. Finalmente, na noção de hospitalidade reflecte sobre a importância do vínculo que existe entre os homens, sublinhando a dimensão ética que se estabelece no acolhimento interpessoal (cf. *ibidem*: 115-124).

A reflexão incide também sobre o contexto histórico da filosofia africana e sobre possibilidades de a equacionar hoje. Julgamos que o Ondjango pode vir estabelecer o diálogo criativo entre a praxis política e a cultura de alguns povos africanos, porque pode vir a ser uma via de reflexão que pode ser entendida na linha de uma filosofia social e política africana. Pois, de alguma maneira, pode contribuir para se rever as políticas sociais de alguns países africanos que violam os direitos humanos, silenciam a voz do povo e formam pequenas elites que consideram a política como uma melhor via de enriquecimento rápido.

Entre vários problemas da maioria dos países africanos, a obra destaca as assimetrias sociais, a falta de liberdade política em alguns países que se declaram democráticos e a corrupção praticada por parte de altos dirigentes. Daqui a necessidade da obra reflectir sobre as forças antagónicas. Referimos a este propósito Siro Caetano (2002:21): «Penso que uma filosofia política poderia ajudar a compreender e corrigir muitos aspectos errados da política em curso, de modo que a política seja um verdadeiro serviço ao povo, às pessoas concretas que formam este povo, e não se servir da política para servir os próprios interesses» Isto porque, citamos o mesmo autor: «O sujeito da política é o homem. Mas uma boa ou má política depende, em grande parte, da concepção que se há do homem. Uma visão errónea do homem conduzirá a uma política igualmente errada, e uma visão exacta do homem é provável [que] dê uma boa política» (*ibidem*, 2002: 25).

Ao reflectir sobre a filosofia política africana, a democracia e os direitos humanos em África, a obra evidencia alguns problemas em torno dos direitos sociais, entre outros, como a falta de liberdade política, de expressão e de autonomia política, o analfabetismo, a ignorância, o partidismo e a ilegalidade política. O Ondjango apresenta-se, neste sentido, como um contributo para a filosofia social e política africana. O Ondjango, na relação com o outro, comporta uma experiência, ao mesmo tempo, humana, social e política. O Ondjango é o espaço onde o indivíduo aprende a ter o direito de falar e dever de ouvir, no qual experiencia e exercita a praxis política democrática.

Ao reflectir sobre algumas implicações sociais, a obra constata que, hoje, a filosofia africana deve consistir na busca do sentido da vida e do horizonte do desenvolvimento do continente



africano e o pensamento ondjangoniano pode contribuir na constatação de algumas incongruências consideradas como forças antagónicas que se resumem em quatro pressupostos: gestão dos recursos financeiros não-transparente, inconsistência técnico-científica, instabilidade económica e incoerência política. Esses quatro pressupostos, pensamos, constituem o foco da instabilidade política e económica da maioria dos países africanos (cf. Filipe, 2018:125-130).

A obra reflecte também sobre a educação contemporânea em Angola face à educação do Ondjango e sobre a pertinência da educação filosófica neste País. A educação filosófica tem um papel fundamental e determinante na formação integral dos indivíduos. Pois, ajuda questionar, ou seja, esclarecer os conceitos ligados à política, tais como: justiça social, bem comum, Estado, tolerância, sociedade, desenvolve competências, atitudes e valores que garantem e contribuem para o desenvolvimento sustentável das sociedades contemporâneas (cf. *ibidem*: 131-144).

Assim, a obra reflecte sobre os limites e as críticas, ruptura e projecção do Ondjango. Os limites são as insuficiências do espaço Ondjango face aos desafios actuais do mundo globalizado, o perfil do homem de hoje e os modelos de novos espaços sócio-culturais e políticos que apresenta (cf. *ibidem*: 145-156).

### CONCLUSÃO

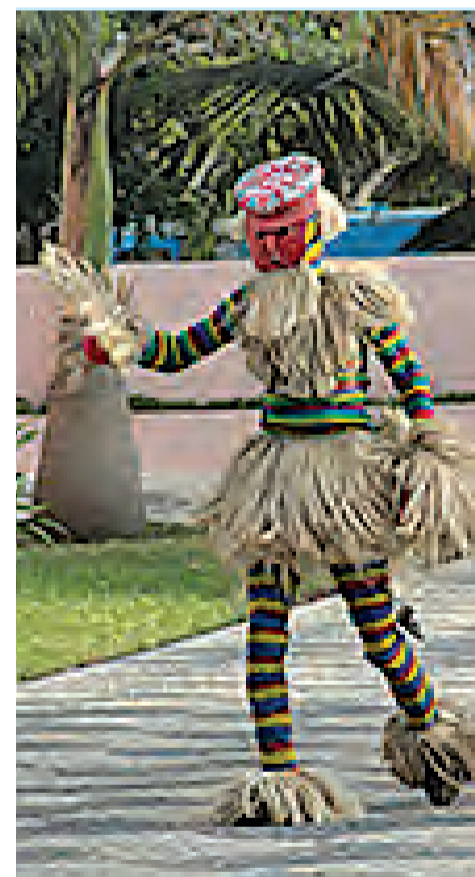
No início deste artigo, especificamos que o «ONDJANGO – Filosofia Social e Política Africana» seria o problema da nossa reflexão que nos ajudaria a evidenciar o pensamento filosófico africano presente nos diversos espaços

tradicionais africanos. Ao reflectir sobre os aspectos acima mencionados, a obra sublinha que o desenvolvimento dos povos Bantu, também, passa pelo fundamento da singularidade das suas filosofias que articulam a existência do ‘mundo bantu’. Esse ‘mundo’ deve-se tornar espaço de enfrentamento e de problematização do que constitui o fundo da questão que impede o desenvolvimento humano, social, cultural, técnico-científica e económico do continente africano. Em síntese, conclui-se que, esta obra pode ser considerada como o ponto de partida para a reflexão crítica sobre a génese e desenvolvimento do(-s) espaço(-s) público e comum africano(-s).

### Referências bibliográficas

- CAETANO, Siro Francisco (2002), *A Pessoa Humana e a Sociedade na Filosofia Política de Jacques Maritain*, Roma: LEBERIT.
- CARDOSO, Boaventura (1987), *A morte do velho Kipacaça*, Luanda: Edições Maianga.
- CASTIANO, José P. (2010), *Referências da Filosofia Africana: Em busca da intersubjetivação*, Maputo: Sociedade Editorial Ndjira.
- FILIFE, Arminda Fernando (2018), *ONDJANGO – Filosofia Social e Política Africana*, Viana: ECO7.
- NGOENHA, Severino Elias (1993), *Filosofia Africana. Das independências às liberdades*, Maputo: Paulistas-África.

**Arminda Fernando Filife** Nasceu no Ebo, província do Kwanza-Sul. É Licenciada e Mestre em Filosofia, Teologia e Ciências da Educação, pela Uni-



versidade Católica Portuguesa do Porto. É doutorada em Filosofia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É docente do Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED) do Uíge, com a categoria de Professora Associada. Lecciona as cadeiras de Filosofia Africana, Ética, História da Filosofia Medieval e Desenvolvimento Curricular nos Cursos de Licenciaturas. Lecciona, também, o módulo de Teoria e Desenvolvimento Curricular nos Cursos de Mestrados em Pedagogia e em Psicologia Escolar, na referida Instituição. É investigadora colaboradora do Grupo de Investigação Philosophy and Public Space do Instituto de Filosofia (UI&D/FCT/502) da Universidade do Porto.